



• **Alon Goshen-Gottstein**

Por Alon Goshen-Gottstein – fundador e director do Elijah Interfaith Institute. Ele é reconhecido como uma das pessoas de liderança no diálogo inter-religioso, com especialidade em conectar as dimensões teológicas e académicas com uma variedade de iniciativas práticas, envolvendo principalmente a liderança religiosa mundial.

Swami Dayananda – Uma Apreciação Judaica



A Índia acabou de perder um de seus mais proeminentes líderes Hindus, Swami Dayananda Saraswati. A mídia se referiu a ele por meio de um de seus estudantes mais famosos, o Primeiro Ministro indiano, Narendra Modi. No entanto, Dayananda não precisava de Modi para ser conhecido na Índia, nem no mundo todo. Lembro-me como fiquei impressionado com uma propaganda de uma página inteira em uma revista de bordo de uma companhia aérea, anunciando um curso que Dayananda iria ministrar. Parece que na Índia é normal vender mais do que cosméticos em aviões.

Talvez Dayananda seja melhor lembrado pela palavra ‘unidade’. Ele foi, acima de tudo, um professor sobre a Unidade Divina. Ele foi, sem dúvida alguma, o principal expoente da atualidade no que se refere ao sistema filosófico unicista conhecido como Advaita Vedanta, que proclama a completa unidade de todos os seres, e naturalmente, a completa unidade com Deus, o que engloba os aspectos transcendental e imanente. Ele também foi um homem que procurou unir o Hinduísmo, o que é sem sombra de dúvida, umas das religiões mais difíceis de definir, dada sua natureza fragmentada e diversa. Ao criar um conselho entre os líderes de várias tradições religiosas, Dayananda conseguiu dar ao Hinduísmo uma voz única, junto com uma identidade e representação religiosa mais definida. E, no entanto, a visão de unidade de Dayananda foi além do Hinduísmo, atingindo todas as religiões, as quais ele reconheceu como caminhos válidos para Deus, e fazendo com que ele fosse reconhecido como um dos mais importantes líderes sobre diálogos inter-religiosos.

Tudo isso me leva a considerar Swami Dayananda como um dos pioneiros na relação entre Hindus e Judeus. Dayananda foi uma verdadeira força motriz por detrás de um dos encontros mais importantes entre Judeus e Hindus. Swami Dayananda, através do Conselho de Líderes Hindus, promoveu dois grandes encontros entre o Conselho Rabínico de Israel, o Comitê Judaico-Americano e demais líderes judeus, além de acadêmicos. Tais encontros foram percebidos por muitos como um divisor de águas nas relações Judaico-Hindus, uma vez que promoveram um estreitamento nas relações diplomático-espirituais entre esses povos. Alguém poderia perguntar o que realmente levou Dayanandaji a convidar o Rabino Chefe de Israel para visitar Delhi, e ele próprio ter ido a Jerusalém junto com uma comissão de reconhecidos líderes religiosos Hindus? A resposta é: visão, preocupação e dor.



Deixe-me iniciar pela dor. Gostaria de começar compartilhando duas conversas que eu tive com Dayananda, ambas relevantes para esse encontro entre Judeus e Hindus que ele iniciou. A primeira deu-se em Montreal, antecedendo a Cúpula de Líderes Judeus e Hindus.

Dayananda estava em Montreal para uma grande conferência, na qual ele compartilhou sua dor sobre como os Cristãos estão convertendo os Hindus. A questão da conversão é um grave problema na Índia que ainda está longe de ser resolvido e que continua a gerar violência. Dayananda expressava sua dor e preocupação no tocante à identidade Hindu, a qual ele considerava estar em perigo devido aos missionários e suas táticas impositivas e desrespeitosas. Sua visão unicista e o reconhecimento da validade de todas as fés religiosas não o impediam de entender o problema e a imensa dor com a qual eu fui confrontado.

Como judeu, eu o compreendia. Como o líder habilidoso que era, Dayananda sabia que precisava de aliados, e ele reconheceu que os judeus compartilham da mesma dor. Por isso, ele procurou cultivar relações com as lideranças judaicas no combate aos missionários cristãos. A declaração que resultou dessa primeira cúpula inclui a seguinte mensagem: “Nem Hindus nem Judeus querer converter, nem tampouco desqualificam ou descaracterizam de nenhuma forma as identidades religiosas de outras tradições de fé. Eles esperam que outras comunidades religiosas respeitem a identidade religiosa e compromissos dos outros, e que condenem toda e qualquer atividade que vá contra a santidade deste respeito mútuo.”

Dayananda carregava uma outra dor: a de ser mal compreendido. Lembro-me de uma outra conversa que tive com ele, dessa vez em seu ashram de Rishikesh, o mesmo onde ele veio a falecer há alguns dias atrás. Dayananda estava chocado por estar sendo acusado de ser um adorador de ídolos. Dizia ele: “Eu, um adorador de ídolos?!” Ele me contou de sua enorme frustração com as autoridades Judaicas que não conseguiam enxergar além da aparência externa da adoração hindu [que na verdade é dirigida] à realidade espiritual, que

especialmente ele, como o mais importante professor de Vedanta da Índia, conhecia muito bem e [que é na verdade essa realidade espiritual que] dava forma a suas visões espirituais. Dayananda sentia uma grande necessidade de esclarecer o que ele considerava uma percepção errônea fundamental do Hinduísmo, por parte dos Judeus. E esse foi o segundo objetivo mais importante desses encontros. E, ao ler as transcrições dos encontros, percebe-se que os rabinos ali reunidos escutaram pela primeira vez que o Hinduísmo não era uma idolatria primitiva, e que os Hindus adoram o Ser Supremo único, o mesmo adorado pelos Judeus. Este reconhecimento permaneceu no topo de ambas as declarações e foi considerado por Dayananda como a maior de todas as conquistas desses encontros.

Ao término do encontro, Dayananda deu uma entrevista para o New Indian Express, declarando o seguinte: “O Encontro em Jerusalém terminou com uma declaração que é como um divisor de águas, a de que os Hindus adoram “O Ser Supremo único” e de que não são idólatras.”

As implicações de tal declaração são profundas em essência e têm repercussões de longo alcance. O Judaísmo nasceu de um repúdio completo à idolatria, e a literatura rabínica está repleta de denúncias contra a idolatria, bem como o tratado do Talmud se dedica inteiramente a esse assunto. A importância de tal questão nas tradições Judaicas e Abraâmicas não são exageradas. Diz Swami Dayananda Saraswati: Desde os primeiros contatos entre essas religiões, o Hinduísmo foi visto por essas tradições como idólatra e propagador de muitos deuses devido à compreensão incompleta de seus Sastras.

Os Hindus têm sido vítimas, por vários séculos, de consequências extremamente violentas dessa percepção errada.

Essa declaração histórica redigida na Cúpula de Hindus e Judeus, em Jerusalém, em 18 de Fevereiro de 2008, acaba de vez com a noção equivocada de que o Hinduísmo é idólatra. A declaração diz o seguinte: “Foi reconhecido que um Ser Supremo único, em seus aspectos sem forma e manifesto, tem sido adorado pelos Hindus através dos milênios. Os Hindus se relacionam somente com o Ser Supremo único quando ele/ela faz suas orações para uma manifestação em particular. Isso não significa que os Hindus adorem ‘deuses’ e ‘ídolos’.”

Os líderes Judeus, em várias palavras, reconheceram como errada a percepção que tinham da tradição Hindu e fizeram uma declaração que a delegação Hindu pode aceitar com satisfação. Isso significa que diálogos honestos e corajosos são capazes de reverter visões erradas e as percepções equivocadas que persistiram por milênios. Enfatizam que líderes de todas as religiões precisam estar bem informados sobre as crenças e visões básicas de toda tradição religiosa, disse Swami Dayananda Saraswati.

Ao refletir sobre isso, podemos perceber que foi um momento extraordinário. Foi memorável porque Judeus e Hindus fizeram um progresso significativo em direção ao mútuo entendimento. No livro que em breve lançarei, *The Jewish Encounter with Hinduism* (Palgrave-Macmillan, 2015), eu questiono se Dayananda estaria sendo otimista demais no seu entendimento das conquistas feitas nesses encontros, e se o tema da idolatria terá sido de fato compreendido de uma vez por todas. No entanto, isso não diminui o fato de que, pela primeira vez, houve um diálogo teológico entre líderes Judeus e Hindus, e que o resultado desse encontro foi transformador. Foi também um momento memorável em termos de processo, como bem observou Dayananda. Dayananda foi capaz de canalizar sua dor em ação construtiva. Ele não somente reclamou que o Hinduísmo não era bem compreendido. Ao invés, ele tomou medidas práticas para torna-lo mais compreendido. E, para isso, ele optou pela via do diálogo como o caminho direto para resolver entendimentos errados. Isso, por si só, é uma conquista memorável.



Swami Dayananda faleceu na noite do festival de Sukkot, uma época de peregrinação de todas as nações a Jerusalém, como imaginado pelo Profeta Zacharias. O fato da morte de Dayananda ter ocorrido justamente na noite do Sukkot, nos permite considerar Dayananda, bem como todos os Hindus que ele representa, como modelos do que poderia significar a visita dos gentios à Jerusalém. O que certamente não é com o intuito missionário. Mas também não

é simplesmente para reconhecer o Deus ou a verdade do Judaísmo. Dayananda foi à Jerusalém a fim de contribuir para o entendimento e sua abordagem foi pela via do diálogo. Neste Sukkot, quando pensamos nas setenta nações, somos convidados a considerar não somente o que elas ganharão ao visitar Jerusalém, mas também o que nós podemos ganhar com essas presenças. Nossa experiência de Sukkot pode ser aprofundada quando compreendemos que receber convidados em nosso Sukka é um convite para o diálogo.